



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DO ENSINO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

JAQUELINE BERTI

**ARTE NA HORA PLANEJAMENTO:
QUE ESPAÇO É ESSE NA EDUCAÇÃO INFANTIL?**

Ijuí (RS)

2016

JAQUELINE BERTI

**ARTE NA HORA PLANEJAMENTO: QUE ESPAÇO É ESSE
NA EDUCAÇÃO INFANTIL?**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil

Orientadora: Prof^a Dra. Roseane Martins Coelho

Ijuí (RS)

2016

RESUMO

O meu trabalho decorre da minha monografia realizada no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em parceria com a Universidade Regional do Noroeste do Estado (UNIJUÍ) e Ministério da Educação e Cultura (MEC). Minha pesquisa busca refletir e compreender as práticas educativas em Arte na Educação Infantil em um espaço não regulamentado (Hora Planejamento). Em minha pesquisa usei a metodologia de estudo de caso, de abordagem qualitativa, intra local, na escola de ensino fundamental da rede municipal onde trabalho. Como procedimentos utilizei entrevistas, observações, diário de campo, registros fotográficos e filmagens. Meu estudo relata minha experiência pedagógica na linguagem musical com uma turma de alunos da Educação Infantil. Como resultados obtidos, a partir das reflexões e amparada nas concepções de Arte ao longo da história, foi possível fazer uma reavaliação das práticas pedagógicas desenvolvidas no meu cotidiano e uma qualificação destas. Com minha pesquisa posso dizer que o conceito da práxis está presente diariamente no meu trabalho pedagógico com os alunos de uma turma da Pré-Escola na Educação Infantil. Esse estudo resultou em aquisição de mais conhecimentos e clareza das ações pedagógicas desenvolvidas por mim.

Palavras-chave: Arte. Educação Infantil. Educação Musical.

ABSTRACT

This work is a result of my research done in the Specialization Course in kindergarden Teaching by Federal University of Santa Maria (FUSM) in partnership with Regional University of Northwest State (UNIJUÍ) and Ministry of Education and Culture (MEC). It aims to reflect and understand the educational practices in Arts on kindergarden teaching in a non-regulated space (Planning Hour). For doing this research, I used the case study methodology of qualitative approach, intra local, at the Elementary School of Municipal Net that I work., I used , as proceedings, interviews, observations, field diary, fotografic records and filmings. My study reports my pedagogical experience on musical language with students class of kindegarden Education. So, the obtained results, by my reflections and taking the Arts conceptions throughout the history, it was possible to do an evaluation of my pedagogical practices developed in my daily and qualify them. I can state, by my research, that the *praxis* concept is dialy present in my pedagogical work with these students of kindergarden Education. This study. This study resulted in more knowledge and a clarified vision of pedagogical actions developed by me.

Keywords: Arts. Kindergarden Education. Musical Education.

SUMÁRIO

1 MEMORIAL.....	5
2 HORA PLANEJAMENTO: QUE ESPAÇO É ESSE NA EDUCAÇÃO INFANTIL ?	7
3 A ARTE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	7
4 METODOLOGIA: ESTUDO DE CASO	21
5 CONTEXTO ESCOLA.....	24
5.1 Filosofia da Escola.....	28
5.2 Objetivo da Escola	29
5.3 Estrutura Organizacional da Escola	29
6 METODOLOGIA DA ESCOLA	31
7 RELATO DE EXPERIÊNCIAS DE PRÁTICA DOCENTE NA SALA DE AULA COM ALUNOS DE PRÉ-ESCOLA (4-6 ANOS).....	35
CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICE.....	58
ENTREVISTA.....	59

1 MEMORIAL

Iniciei meus estudos aos 7 anos de idade na 1ª série do Ensino Fundamental nesta cidade de Ijuí em uma escola estadual no bairro onde eu morava, em 1974. A pré-escola, nesta época, tinha apenas na rede particular de ensino.

Lembro que a Escola Francisco de Assis (EFA), pertencente à Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), na época mantida pela FIDENE, oferecia o Pré e se destacava pela qualidade do trabalho. Esta escola era o sonho de consumo de todas as famílias e crianças. Nela, tinha uma vasta área de pracinha com enormes brinquedos de madeira, uma quantidade imensa de areia e as atividades de arte era a essência da escola. Não estudei nesta escola, mas oportunistei meu filho a frequentá-la dos 3 aos 11 anos de idade (2004 a 2011). Acompanhei a Educação Infantil dele e me referenciava nela para trabalhar com meus alunos. Frequentava diariamente a escola do meu filho e via a felicidade e satisfação das crianças brincando naquele espaço privilegiado, minuciosamente organizado para isso. Mensalmente tinha a exposição de trabalhos confeccionados pelos alunos e organizados nos espaços de entrada e corredores da escola.

Na escola do meu bairro, estudei da 1ª a 8ª série. Sempre fui uma boa aluna e gostava muito das aulas de Educação Artística. Já tinha intenções de fazer faculdade de Arte.

Em 1982, iniciei o ensino de 2º grau e fiz um curso de violão durante aquele ano com a professora Liane Reimann Martins, que produz as revistas Canto Sul.

Em 1985, fui para a universidade e cursei 1º ano de Ciências Contábeis, pois o curso de Educação Artística estava sendo implantado e, em 1986, fiz a transferência para o tão almejado curso. Foram 4 anos e meio maravilhosos. Tudo era de meu interesse, as aulas de desenho ao teatro e a música.

No curso de Educação Artística, Habilitação em Arte Plásticas, tivemos acesso a várias linguagens da Arte, pesquisando e trabalhando a percepção, expressão, sensibilização, técnicas e criações.

Foi tudo muito prazeroso, cada vez me apaixonava mais e tinha certeza de ter feito a escolha certa na minha atividade profissional, pois, desde minha adolescência, dizia que queria fazer Faculdade de Artes Plásticas.

Fui aluna da primeira turma do Curso de Educação Artística, e, revendo meu histórico do curso, acho que fomos privilegiadas. Tivemos ótimos professores e um currículo impecável. O foco principal da minha graduação foi a linguagem visual.

Na linguagem musical, montamos um álbum com canções e partituras e aprendemos a tocar flauta doce. Aproveitei que dominava as partituras e fui fazer um curso de violino, cursei 1 ano e parei, pois iniciei os estágios de escola.

Na linguagem cênica, tínhamos expressão corporal e montamos uma peça teatral, que foi apresentada em grupos para a turma.

Como o curso habilitava para a linguagem visual (na época falávamos plástica), tivemos desenho com grafite, carvão, giz, pastel, lápis aquarela, tinta acrílica, recortes, colagem, fotografia, serigrafia, xilogravura, esculturas em madeira, pedra, sabão, pedras fabricadas, argila.

Durante a graduação, estudamos pouco sobre a Educação Infantil, que estava mais relacionada à psicologia da infância e suas fases e não fizemos estágio nesta etapa. Nela, a experiência que tenho foi no dia-a-dia de sala de aula, formações continuadas e cursos que fiz, pois sempre fiquei participando de estudos relacionados à área de minhas atuações.

Atualmente, o curso de Artes Visuais (bacharelado e licenciatura) está extinto por falta de alunos. O curso de DESIGN foi tomando o seu lugar.

No ano de 2008 a 2012, trabalhei também com o grupo de teatro de minha escola e fui me atualizar, fazer curso de teatro com o Professor Alberto Rodrigues, que dirigia o GTU Grupo de Teatro da Unijuí (GTU). Acabei entrando para o GTU como atriz onde experimentei o palco, os jogos dramáticos, as improvisações e a criação de personagens.

Em 2011, fui fazer aula de canto com o grupo Laboratório de Prática Vocal (LPV). Este grupo foi criado pelo professor Ricardo Sensever, de Santa Maria, que fixou residência em Ijuí. Inicialmente, o trabalho era direcionado para preparar alunos que iriam fazer seleção para ingressar no Coral da Unijuí. O grupo se consolidou e acabou ficando autônomo, fazendo apresentações em vários eventos. Fiquei por 2 anos neste grupo, aprendi muito e utilizo em sala com meus alunos, desde exercícios de respiração, aquecimento vocal, canto e arranjos musicais.

De 2014 a 2015, a Secretaria Municipal de Educação (SMED) promoveu para as Escolas da Rede Municipal uma Formação Musical com a Escola de Música Impare de Santa Maria.

Entrei no magistério Municipal em 2001, e trabalho com a disciplina de Arte no espaço de Hora Planejamento desde 2004 com turmas de Pré ao 5º ano de Ensino Fundamental.

No ano de 2008 a 2011, trabalhei com turmas do 6º ano ao 9º ano com a disciplina de Arte e Oficina de Teatro. Em 2012, retomei o HP onde estou trabalhando até hoje, no horário da tarde. No horário da manhã trabalho em outra escola municipal com oficinas de Aprendizagem e de Música.

2 ARTE NA HORA PLANEJAMENTO: QUE ESPAÇO É ESSE NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Inicialmente, fui procurar na escola onde trabalho sobre Hora-Planejamento (HP) nos Planos de Estudo, Regimento, Proposta Político Pedagógica, mas não encontrei nada registrado. Questionei a direção e Coordenação sobre o assunto e também não encontraram nada que falasse sobre. Então, me dirigi à Secretaria Municipal de Educação (SMED) para conversar com o Coordenador Pedagógico, Sr. Valdir Sandri, e ele me disse que oficialmente não tem nada escrito sobre o HP e que este termo seria uma “apelido” dado a esse espaço de trabalho. Ele também me falou que a Lei de Diretrizes e Bases de Educação Brasileira (LDB) se refere a algo relacionado ao Planejamento do Professor, que 25% da carga horária de trabalho seria destinada ao planejamento e que o Prefeito Municipal de Ijuí, Sr. Ortiz Iboti Schöer (01/01/1987 a 31/12/2000), havia feito um Decreto autorizando que 20% da carga horária de 20hs seria destinada ao planejamento do professor. Também falou que a Lei do Piso (nº 11.738, de 16/07/2008) se referia a esse tempo de planejamento que o professor teria em 33% da carga horária de 20hs semanais. Ele sugeriu pesquisar no Plano de Carreira do Magistério Municipal de Ijuí que também se refere a esse espaço de trabalho. Mais adiante, nas minhas pesquisas, após manusear e ler minuciosamente o material, encontrei na Proposta Político Pedagógica da escola que trabalho a seguinte escrita: “Também temos duas professoras que fazem os horários de planejamento dos professores (Pré ao 5º ano) desenvolvendo com os alunos as áreas de educação física, literatura e artes”.

Atualmente essa organização está sendo feita com 5 professores (eu trabalhando com Arte; a professora Deise com Educação Física; a professora Márcia com Informática Educativa; a professora Carla com Jogos e Recreação e a professora Vera com Recreação. Na Educação Infantil temos 2 turmas de Pré-escola (4-6 anos) que iniciaram em fevereiro e a 3ª turma iniciou esta semana (20 de Junho de 2016).

Até o mês de Abril funcionava 1 turma de Pré de manhã e outra de tarde, mas foram feitas algumas modificações na escola e ficaram todas com atendimento no turno da tarde.

Uma das modificações na escola foi a organização dos “Pequenos” (Educação Infantil e Anos Iniciais com atendimento no turno da tarde e Anos Finais

no turno da manhã, com exceção do 5º ano, que é dos Anos Iniciais e foi para o turno da manhã devido à quantidade de salas de aula.

O espaço HP é ocupado pelo professor que cobre o professor regente da turma quando ele está em hora-atividade. Na escola onde trabalho, sou HP de Pré ao 5º ano enquanto seu professor regente está em planejamento realizando preparações de aula, estudos, formações, pesquisas. Os professores têm 33% de planejamento, onde os componentes de Arte, Educação Física e Informática Educativa entram em sala de aula para cobrir 6 horas de um professor regente com carga horária de 20 horas semanais. Então, entro duas horas semanais em cada turma com o componente de Arte, num total de 7 turmas, com minhas 20 horas semanais entro 14 horas em sala e tenho também 6 horas de planejamento.

Fui pesquisar sobre o HP em todos os lugares que me orientaram e não existe nada que fale exatamente sobre isso. A LDB, em seu artigo 67, dispõe que:

Art. 67. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:
[...].
V - período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho;
[...]. (BRASIL, 1996).

A LDB cita que o professor tem direito a estudos e planejamentos, porém não especifica a palavra HORA PLANEJAMENTO, mas fala PLANEJAMENTO. Assim, supõe-se que cada escola faça desse espaço o uso bem particular de acordo com as necessidades de sua organização.

No Plano de Carreira do Magistério Público Municipal de Ijuí, Lei nº 4.110, de 11 de junho de 2003, versão consolidada, com alterações até dia 29/03/2016, consta:

CAPÍTULO I. DA CARREIRA DO MAGISTÉRIO DOS PRÍNCÍPIOS BÁSICOS:
[...].
Art 3º. A carreira do Magistério Público do Município de Ijuí tem como princípios básicos:
[...]
V- período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho. (IJUI, 2003).

O Plano de Carreira cita também o período de planejamento de professor regente, onde o HP entra para cobrir esse espaço.

A Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008 (Lei do Piso) institui o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica:

“Art. 2º, § 4º. Na composição da jornada de trabalho, observar-se-á o limite máximo de 2/3 (dois terços) da carga horária para o desempenho das atividades de interação com os educandos”.

A Lei do piso fala, portanto, que 2/3 da carga horária de 20 horas é trabalhada com aluno. Temos uma sobra de 1/3, que será usada como planejamento 1/3 = 33% que chamamos de HP (Hora planejamento).

Neste espaço hora planejamento trabalho 2 períodos em cada turma, com 7 turmas e planejo 6 horas semanais.

Trabalho com a Educação Infantil com o componente Arte e dentro deste, as linguagens (plástica, musical e cênica).

Durante as aulas da especialização, fazia também um curso de Educação Musical, assim dei maior ênfase a esta linguagem em meu trabalho em sala de aula.

Como entro apenas 2 períodos semanais em cada turma, tenho algumas limitações, como às vezes não concluir alguma atividade e ter que esperar uma semana para a conclusão desta, aí muitas vezes as crianças perdem o interesse naquele foco de trabalho.

Uma vantagem que percebo é ver de um ano para outro o quanto as crianças se desenvolvem em suas aprendizagens e nos relacionamentos interpessoais, pois chego a trabalhar mais ou menos em torno de seis anos com a mesma criança porque atendo toda a educação infantil e anos iniciais. Isso é bem significativo para mim e para elas, sendo que criamos laços afetivos. Aos poucos vou conhecendo melhor as crianças, percebendo suas preferências, seus desejos, necessidades e dificuldades.

3 A ARTE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

A arte na educação tem uma história no processo educacional brasileiro e nas últimas 4 décadas tem havido diferentes abordagens e interpretações do que seja arte, da finalidade da arte, no processo educativo e dos modos ou metodologias a serem desenvolvidos em arte na educação. Essas abordagens recebem diferentes nomenclaturas e influenciam as práticas educativas em arte na educação. No ensino formal brasileiro foi através da LDB 5.692 de 1971 com o nome de Educação Artística e hoje na LDB n. 9.394/1996 recebe a denominação de Arte. Antes de ser incorporada na legislação educativa formal concepções de arte para a educação já existiam e influenciaram a formação do professor.

Segundo Ferraz e Fusari (2010, p. 15),

as ideias da função educativa da arte nomeada Educação através da Arte foi difundida no Brasil a partir das ideias do filósofo inglês Herbert Read (1948), apoiada por educadores, artistas, filósofos, psicólogos que vêem a arte não apenas como meta da educação mas como o seu próprio processo, que é considerado também criador.

É um movimento educativo e cultural que busca a construção de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático; valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual.

A Educação Artística foi incluída no currículo escolar pela Lei nº 5.692/71, com ênfase no processo expressivo e criativo dos alunos, valorização da tecnicidade e profissionalização. O professor trabalhava com ações polivalentes.

Polivalência - a síntese das artes que, tentava há mais de dez anos no sistema, para todos os níveis de educação (1.º, 2.º e 3.º Graus), tem se demonstrado impossível, produzindo um ensino inócuo, uma educação estética descartável, um fazer artístico pouco sólido e um apreciador de arte despreparado.

[...] O professor tem que dominar não só conteúdos diversos, mas principalmente três diferentes linguagens, suas manifestações e materiais de representação em cursos de apenas dois anos, e ensinar teatro, artes plásticas e música, conjuntamente, a alunos que terão de deglutir como arte uma mistura mal cozida pelo próprio professor. Interdisciplinaridade é trabalho de várias cabeças, trabalho de equipe. [...] a polivalência, instituída pela Reforma de 1971 traduz a interdisciplinaridade em termos de restaurante de prato feito. (BARBOSA, 1988, p.88).

Quando fiz minha graduação em “Educação Artística” Habilitação em Artes Plásticas tivemos os conteúdos da linguagem visual mais aprofundados com desenho, pintura, escultura, modelagem, xilogravura, serigrafia...e os conteúdos da linguagem cênica e musical com menos ênfase. O professor era polivalente (característica da pedagogia tecnicista), trabalhava com todas as linguagens mas dando prioridade à linguagem visual (plástica era o termo que se usava).

Na época da graduação (1985 a 1989) falava-se muito na Arte como livre-expressão e no desenvolvimento da capacidade criadora, ideias de Viktor Lowenfeld¹, de que a Arte tem um papel vital na educação das crianças, desenhar, pintar ou construir. Não se admitia cópias, tudo deveria ser criado, inventado.

A Pedagogia Renovada, ou Pedagogia Nova, conhecida por movimento do Escolanovismo ou da Escola Nova tem origem no final do século XIX na Europa e Estados Unidos, no Brasil seus reflexos chegam por volta de 1930 de acordo com Ferraz e Fusari (2010).

Contrapõe-se à educação tradicional em busca de uma sociedade mais democrática, acreditando que as relações entre as pessoas na sociedade poderiam ser mais satisfatórias, menos injustas, se a educação escolar conseguisse adaptar os estudantes ao seu ambiente escolar. Para isso propõe experiências cognitivas gradualmente, ativa, de acordo com os interesses, motivações, iniciativas e as necessidades individuais dos alunos, dando menos relevância a estruturação racional e lógica dos conhecimentos como acontece no ensino tradicional. Sugere-se pesquisa individual ou em pequenos grupos.

Para Ferraz e Fusari (2010, p. 29), “Os seguidores do filósofo americano John Dewey (1859-1952) procuram aprofundar suas ideias, partindo de problemas ou assuntos de interesse dos alunos, para assim desenvolver as experiências cognitivas, num “aprender fazendo”.

Esse método sugere começar uma atividade que provocasse um determinado problema e produzisse um levantamento de dados a partir dos quais se formulassem hipóteses explicativas do problema, e se desenvolvesse, a experimentação, realizada conjuntamente por alunos e professor, para confirmar ou rejeitar as hipóteses formuladas.

¹ Viktor Lowenfeld (1970) exerceu extraordinária influência sobre a educação e, em grande parte, graças a ele, é que a educação artística passou a ser reconhecida como disciplina importante do currículo nas escolas públicas.

Na concepção da Escola Nova, os conhecimentos já obtidos pela ciência e acumulados pela humanidade não precisariam ser transmitidos aos alunos, pois acreditava-se que, passando por esses métodos, eles seriam naturalmente encontrados e organizados.

Um exemplo bem simples e prático poderia ser a descoberta das cores secundárias: dar aos alunos tintas das cores primárias (azul, amarelo e vermelho), pedir para eles experienciar misturas, rapidamente chegariam a conclusão que o azul misturado com o amarelo resulta no verde, o vermelho misturado ao amarelo resulta no laranja e o azul misturado ao vermelho resulta no roxo. E assim experienciando misturas de tintas vão descobrindo as terciárias e criando outras cores.

Quanto às teorias e práticas estéticas, na escola nova há uma ruptura com as “cópias” de modelos e de ambientes circundantes e sim valorizando o estado psicológico das pessoas. As produções artísticas são feitas a partir da experiência e repertório individual, expressões, emoções, desejos; centrada no aluno-produtor, criador de seu trabalho artístico. Até inícios de 1990 esta teoria de Arte vinha sendo a mais usada na educação escolar.

Dermeval Saviani (1983, p.12-13 apud FERRAZ; FUSARI, 2010, p.33) mostra-nos que a pedagogia nova

deslocou o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não diretivismo; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental, baseada principalmente, nas contribuições da Biologia e da Psicologia.

Entre os anos de 1930 e 1940 quando foi introduzido o movimento escolanovista e o país encontrava-se em crise política, econômica e cultural destacamos ecos da Semana de Arte Moderna de 1922². O movimento modernista

² Semana da Arte Moderna de 1922, evento promovido por um grupo de artistas (Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Anita Malfatti, Manuel Bandeira) bancados pelo patrono Paulo Prado, em fevereiro de 1922, uma semana cultural no Teatro Municipal de São Paulo. Propunham liberdade de expressão e o fim das regras na arte, se posicionava contra o espírito conservador. (MAZZAMATI, 2012).

expandiu-se para várias regiões do país organizando-se salões de arte com características inovadoras e mais nacionalistas.

Autores como John Dewey (a partir de 1900) e Viktor Lowenfeld (1939), nos Estados Unidos, e Herbert Read (1943) na Inglaterra, influenciam também as mudanças que vão ocorrer no trabalho de professores de Arte brasileiros, firmando em alguns grupos a tendência escolanovista. Ferraz e Fusari (2010). As autoras também nos dizem que Ana Mae Barbosa (1978) analisa as ideias do filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952) que descreve a arte como experiência onde integra imaginação e observação da natureza, ação e reflexão onde reúne o processo de execução ou criação de uma coisa material e o prazer de apreciar a coisa criada. Então a produção como a apreciação dos trabalhos de arte são considerados capazes de transformar o conhecimento que ao fundir-se como elementos não intelectuais tornam válida a experiência enquanto tal. Nesta função educativa da experiência, o centro não é nem a matéria a ensinar, nem o professor, mas o aluno em crescimento ativo, progressivo, importante para a educação, sociedade e democracia (FERRAZ; FUSARI, 2010).

De acordo com Lowenfeld (apud FERRAZ; FUSARI, 2010, p.35),

[...] a importância da arte na educação consiste em se garantir: a) uma aprendizagem que acompanhe o desenvolvimento natural do indivíduo não só em seus aspectos intelectuais mas também sociais, emocionais, perceptivos, físicos e psicológicos; b) diferentes métodos de ensino (e não um único) para desenvolver, de forma livre e flexível, a sensibilidade e a conscientização de todos os sentidos (ver, sentir, ouvir, cheirar, provar), realizando assim uma interação do sujeito com seu meio e c) formas construtivas de autoexpressão e autoidentificação dos sentimentos, emoções e pensamentos dos indivíduos a partir de suas próprias experiências pessoais, para que eles, bem-ajustados, vivam cooperativamente e contribuam de forma criadora para a sociedade.

Através destes princípios, Viktor Lowenfeld nos mostra a arte como meio para entendermos o desenvolvimento individual em suas diferentes fases e como desenvolvimento da consciência estética e criadora do indivíduo (FERRAZ; FUSARI, 2010).

No Brasil, Augusto Rodrigues difundiu o movimento Educação pela Arte e criou no Rio de Janeiro em 1948 a Escolinha de Arte do Brasil a qual recuperou a valorização da arte infantil e a concepção de arte baseada na expressão e na

liberdade criadora. As crianças deveriam produzir seus trabalhos sem interferência dos adultos (FERRAZ; FUSARI, 2010).

Mazzamati (2012, p.48-49) nos fala que, em 1983, Ana Mae Barbosa quando orientava o curso de pós-graduação em Arte-Educação na Universidade de São Paulo e era diretora do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC) desenvolveu a “Metodologia Triangular”, esta proposta o interferia qualitativamente no processo e melhoria do ensino de arte, tem por base um trabalho pedagógico integrador de três facetas do conhecimento em arte: o “fazer artístico”, a “análise de obras artísticas” e a “história da arte”; este trabalho vem sendo desenvolvido desde os anos 1990 pelos profissionais das artes.

A abordagem triangular teve início da década de 1980 e foi sistematizada entre 1987/1993 no Museu de Arte Contemporânea (MAC), surge da necessidade de uma prática de ensino pós-moderno de Arte e da busca de uma alternativa para realizar a livre expressão do ensino moderno de arte que já não correspondia as inúmeras tendências e aspectos da realidade contemporânea. Essa abordagem de Ana Mae Barbosa é a principal referência do ensino de arte no Brasil, pois engloba vários pontos de ensino/aprendizagem ao mesmo tempo como leitura de imagem, objeto ou campo de sentido da arte (análise, interpretação e julgamento), contextualização e prática artística (o fazer) (BENELLI, 2011).

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos, etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens (BARBOSA, 1998, p.17 apud BENELLI, 2011, p. 1).

A leitura de imagens é um exercício que faço com meus alunos questionando de forma simples, lenta, instigando a percepção do que eles estão vendo, sentindo de uma maneira bem lúdica e descontraída. “Ensinar a ver o implícito e o velado é uma das atribuições do ensino da arte.” (CUNHA, 2014, p. 18).

A metodologia de análise é de escolha do professor, o importante é que obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler a imagem e avaliá-la; esta

leitura é enriquecida pela informação histórica e ambas partem ou desembocam no fazer artístico (BARBOSA, 1991 apud FERRAZ; FUSARI, 2010).

Uma imagem muito rica em conteúdos a serem ditos e percebidos é a obra “Jogos Infantis” (1560) de Pieter Bruegel que retrata mais de 200 crianças brincando onde aparecem mais de 80 brincadeiras que até hoje são usadas, também a obra “Tarde de Domingo na Ilê de La Grande Jatte” (1884-1886) de George Seurat, ambas imagens podemos fazer comparações de antigamente para os dias atuais (conforme imagem 2 e 4), são fascinantes as variações de trabalhos que resultam dos alunos a partir dessas imagens.

Figura 1: Jogos infantis



Fonte:

https://www.google.com.br/search?q=brinquedo+e+brincadeiras&espv=2&biw=1440&bih=799&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj4haXe3I_PAhUBgJAKHVrcASEQ_AUICCGD#tbm=isch&q=brinquedos+e+brincadeiras

Figura 2: Brinquedos e brincadeiras de Militão dos Santos 2009



Fonte:

https://www.google.com.br/search?q=brinquedo+e+brincadeiras&espv=2&biw=1440&bih=799&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj4haXe3I_PAhUBgJAKHVrcASEQ_AUICCGD#tbn=isch&q=brinquedos+e+brincadeiras

Figura 3: “Tarde de Domingo na Ilê de La Grande Jatte” (1884-1886) de George Seurat



Fonte:

[https://www.google.com.br/search?q=:+Tarde+de+Domingo+na+Il%C3%AA+de+La+Grande+Jatte+\(1884-1886\)+de+George+Seurat&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjc-bja4o_PAhVHH5AKHdgPCaYQ_AUICCGB&biw=1440&bih=799](https://www.google.com.br/search?q=:+Tarde+de+Domingo+na+Il%C3%AA+de+La+Grande+Jatte+(1884-1886)+de+George+Seurat&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjc-bja4o_PAhVHH5AKHdgPCaYQ_AUICCGB&biw=1440&bih=799)

Figura 4: “Tarde de Domingo na *Ilê de La Grande Jatte*” de George Seurat (adaptado aos tempos atuais)



Fonte:

[https://www.google.com.br/search?q=:+Tarde+de+Domingo+na+Il%C3%AA+de+La+Grande+Jatte+\(1884-1886\)+de+George+Seurat&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjcbja4o_PAhVHH5AKHdgPCaYQ_AUICCGb&biw=1440&bih=799](https://www.google.com.br/search?q=:+Tarde+de+Domingo+na+Il%C3%AA+de+La+Grande+Jatte+(1884-1886)+de+George+Seurat&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjcbja4o_PAhVHH5AKHdgPCaYQ_AUICCGb&biw=1440&bih=799)

Este mundo cotidiano está cada vez mais sendo dominado pela imagem. Há uma pesquisa na França mostrando que 82% de nossa aprendizagem informal se faz através da imagem a 55% desta aprendizagem é feita inconscientemente. Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando as crianças para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, a prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento. (BARBOSA, 1991, p.34).

Muitos professores de Arte simpatizantes da Pedagogia Nova se contradizem e desenvolvem atividades incluindo conceitos, temas, técnicas e projetos com características tradicionais, mas não levam em consideração a expressividade e desejo dos alunos que é uma característica específica da Escola Nova.

A Pedagogia Tecnicista aparece entre a década de 1960 a 1970 quando há necessidade de formar profissionais para o mercado de trabalho com os interesses da sociedade industrial.

Hoje as aulas de Arte ainda apresentam influências das três pedagogias (tradicional, novista e tecnicista) em maior ou menor grau, mesmo descritas separadas, na prática se imbricam.

Nas minhas aulas quando trabalhei com os anos finais 6º ao 9º ano e desenvolvia o desenho de observação que colocava objetos na sala ou íamos ao pátio para desenhar estava a fazer o uso da pedagogia tradicional, minha formação acadêmica é da Escola Nova onde não se admitiam cópias, e também montamos um álbum de técnicas para trabalhar com os alunos; concordo plenamente com as autoras Fuzari e Ferraz (2010) quando nos colocam que a pedagogia idealista (tradicional, novista e tecnicista) se imbricam, pois acredito que seria impossível fazer um trabalho pedagógico com apenas uma tendência teórica.

Em relação à educação infantil, em 2009, o Ministério da Educação, com o Conselho Nacional de Educação, fixou a partir da Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2010), com conceitos e concepções apresentadas nas DCNEI. Podemos destacar no princípio estético a sensibilidade, a criatividade, a ludicidade e a liberdade. Este lugar está valorizando as linguagens artísticas e as manifestações culturais e possibilita as crianças a ampliação do repertório, de vivências múltiplas e de saberes instigantes, promovendo a indivisibilidade entre as dimensões afetiva, cognitiva, ética, estética e sociocultural.

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

[...];

II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

[...];

VII - possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade;

[...];

IX - promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;

[...];

XII - possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos.

Figura 5: Visita ao museu - Exposição Pandorgueando



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

As atividades lúdicas infantis – brincadeiras, produções plásticas, expressões corporais – caracterizam as diversas culturas com seus saberes, suas crenças, seus conteúdos e valores, e levam a marca, a influência de todo o entorno familiar, social, midiático e mercadológico. Essas representações e seus simbolismos têm vida própria e “dizem” da criança, do seu ser, das suas emoções, das suas crenças, da sua realidade. (FRIEDMANN, 2012, p.23).

Figura 6: Brincando



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Brincando as crianças retratam suas vivências, recriam situações de seu cotidiano, por exemplo, o ato de ir a uma consulta médica ou quando acompanha a mãe no salão de beleza. Nessas brincadeiras as crianças reproduzem seus hábitos, costumes, preferências, suas experiências positivas e muitas vezes revelam até as experiências dolorosas, sofridas e marcantes.

Figura 7: Brincando



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 8: Brincando



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

4 METODOLOGIA: ESTUDO DE CASO

De acordo com Yin (2009 apud CRESWEL, 2014), a pesquisa de um estudo de caso envolve o estudo de um caso dentro de um ambiente ou contexto contemporâneo da vida real.

O ambiente do estudo de caso que pesquisei é a escola onde atualmente desenvolvo minhas atividades docentes com minhas turmas de Educação Infantil (Pré-Escola-4/6 anos) com a disciplina de Arte.

Stake (2005 apud CRESWEL, 2014) afirma que a pesquisa de estudo de caso não é uma metodologia, mas uma escolha do que deve ser estudado (isto é, um caso dentro de um sistema delimitado, pelo tempo e lugar), outros a apresentam como uma estratégia de investigação, uma metodologia ou uma estratégia abrangente (DENZIN; LINCOLN, 2005; MERRIAM, 1998; YIN, 2009 apud CRESWEL, 2014). Opta por encará-la como uma metodologia; um tipo de projeto em pesquisa qualitativa que pode ser objeto de estudo como também um produto da investigação.

É uma abordagem qualitativa na qual o investigador explora um sistema delimitado contemporâneo da vida real (um caso) ou múltiplos sistemas delimitados (casos) ao longo do tempo, por meio da coleta de dados, detalhada em profundidade envolvendo múltiplas fontes de informação (p. ex: observações, entrevistas, material audiovisual e documentos e relatórios) e relata uma descrição do caso e temas do caso. A unidade de análise no estudo de caso pode ser múltiplos casos (plurilocal) ou um único caso (um estudo intra local). No meu estudo de caso é intra local porque se trata de um único caso, minha experiência docente com a Educação Infantil.

A abordagem do estudo de caso é familiar aos cientistas sociais devido à sua popularidade na psicanálise (Freud), na medicina (análise de caso de um problema), no direito (caso jurídico) e nas ciências políticas (relatos de casos).

Yin defende as abordagens quantitativa e qualitativa para o desenvolvimento do estudo de caso e discute estudos de caso qualitativos explanatórios, exploratórios e descritivos (que é o meu estudo de caso, pois descrevo com detalhes a minha prática docente). Já Merriam defende uma abordagem geral dos estudos de caso qualitativos no campo da educação (CRESWEL, 2014).

Características definidoras dos estudos de caso:

- Identificação de um caso específico, que pode ser uma entidade concreta, como um indivíduo, um pequeno grupo, uma organização ou uma parceria. Em nível menos concreto, ela pode ser uma comunidade, um relacionamento, um processo de decisão ou um projeto específico. Um caso que possa ser delimitado ou descrito dentro de determinados parâmetros, como um local e momentos específicos (no meu estudo o local é a escola, na sala de aula e o momento específico são as aulas). Geralmente estudam casos atuais da vida real (minha docência atualmente) que estão em andamento de forma que possam reunir informações precisas que não foram identificados múltiplos casos para que possam ser comparados.

- A intenção de conduzir um estudo de caso também é importante. Um estudo de caso qualitativo pode ser composto para ilustrar um caso peculiar, um caso que tem interesse incomum por si só e precisa ser descrito e detalhado (chamado de caso intrínseco por Stake, 1995). Ou, então a intenção do estudo de caso pode ser entender uma questão, um problema ou uma preocupação específica (p. ex: gravidez na adolescência) e é selecionado um caso ou casos para melhor compreender o problema (chamado de caso instrumental).

- Uma característica de um bom estudo de caso qualitativo é que ele apresenta uma compreensão em profundidade do caso. Para chegar a isto, o pesquisador coleta muitas formas de dados qualitativos, variando desde entrevistas, observações e documentos até materiais audiovisuais. A utilização de somente uma fonte de dados não é suficiente para desenvolver esta compreensão em profundidade.

- A escolha de como abordar a análise dos dados em um estudo de caso poderá diferir. Alguns estudos de caso envolvem a análise de múltiplas unidades dentro do caso (p. ex: a escola, o distrito escolar), enquanto outros se referem a totalidade do caso (p. ex: o distrito escolar). Além disso, em alguns estudos o pesquisador seleciona múltiplos casos para analisar e comparar, enquanto, em outros casos, é analisado um único caso. Uma boa pesquisa envolve uma descrição do caso. O pesquisador pode identificar temas ou questões ou situações específicas para estudar em cada caso.

- Temas ou questões organizados em uma cronologia por semelhanças e diferenças.

- Geralmente terminam com conclusões formadas pelo pesquisador, chamadas de “asserções” por Stake (1995) ou construções de “padrões” ou “explicações” por Yin (2009). O pesquisador pode selecionar para estudo diversos programas de diversos locais de pesquisa ou múltiplos programas dentro de um único local. O investigador propositalmente seleciona múltiplos casos para mostrar diferentes perspectivas da questão.

- O pesquisador precisa identificar seu caso ou casos, que podem envolver um ou mais indivíduos, um programa, um evento ou uma atividade. Considerar qual tipo de estudo de caso e o mais promissor e útil. O caso pode ser único ou coletivo, multilocal, ou em um local específico e focado em um caso ou uma questão.

- A coleta de dados em uma pesquisa de estudo de caso é extensa, baseando-se em múltiplas fontes de informação como observações, entrevistas, documentos e materiais audiovisuais. Yin (2009 apud CRESWELL, 2014) recomenda seis tipos de informação a ser coletada: documentos, registros de arquivo, entrevistas, observações diretas, observação participante e artefatos físicos.

- Por meio dessa coleta de dados o pesquisador detalha aspectos tais como a história, a cronologia dos eventos ou a realização rotineira das atividades do caso.

Essa pesquisa é desenvolvida a partir da minha atuação com Arte na Educação Infantil Pré-Escola (4/6 anos) no espaço Hora Planejamento onde temos atualmente 3 turmas de pré-escola e entro semanalmente durante 2 horas em cada turma enquanto as professoras regentes fazem seus planejamentos. Meu trabalho de pesquisa de estudo de caso é um estudo de caso qualitativo, intra local usando como procedimentos entrevistas com a direção, coordenação, professoras, observação dos alunos em minhas aulas, no refeitório, na biblioteca, nos passeios, no pátio, no recreio, fazendo o uso do diário de campo, registros fotográfico e filmagens.

Para responder as seguintes questões de pesquisa

- Como a escola onde trabalho organiza o espaço “HORA PLANEJAMENTO”?

- Como utilizo esse espaço “HORA PLANEJAMENTO” com a disciplina de Arte com o conteúdo de Educação Musical com as turmas da Educação Infantil (Pré-escola - 4/6 anos)?

- Quais as vantagens e limitações desse espaço “HORA PLANEJAMENTO”? Que contribuições esse espaço trás ao meu trabalho? E ao aluno?

5 CONTEXTO ESCOLA

A escola Municipal de Ensino Fundamental João Goulart localiza-se no Bairro Pindorama, lado oeste da cidade, Bairro basicamente residencial, onde a maioria das famílias é da classe média baixa. Esse bairro localiza-se entre o campus e a sede acadêmica da UNIJUI. No bairro há um Centro Comunitário com Posto de Saúde em anexo ao Ginásio de Esportes do bairro. O bairro distancia-se aproximadamente do centro da cidade a dois quilômetros. A Escola atende alunos oriundos dos Bairros Pindorama, Thomé de Souza, Lulu Ilgenfritz e Morada do Sol. Uma parcela desses alunos é de classe média baixa e alguns vivem na extrema pobreza.

Figura 9: Escola E.M.F. João Goulart



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Devido à sua situação econômica, muitos vivem de trabalhos informais, biscates, catadores de material reciclável, programas de assistência do governo federal, sendo significativo o número de desempregados. Muitas famílias são nômades dentro do próprio município influenciando no alto índice de transferência e matrículas de alunos durante o decorrer do ano letivo. Por outro lado, temos famílias bem estruturadas, com emprego fixo e bom ou razoável nível sócio econômico. Uma parte do bairro, bem próximo ao campus da UNIJUI, possui saneamento básico precário, bem como a estrutura de suas casas é precária. Esta situação de extrema pobreza e falta de perspectiva de vida tem gerado muita

preocupação dos moradores do bairro porque a cada dia observam o aumento da violência.

A escola é sentida pela comunidade escolar como espaço muito importante de aprendizagens, “que valoriza seus alunos transmitindo além de conhecimentos, valores e muito amor”, oferecendo oportunidades para todos os alunos formarem uma estrutura muito consistente para o futuro. Além de ensinar os pais percebem que a escola preocupa-se com o cuidar desde a educação infantil até o final do ensino fundamental.

Grande parte da comunidade escolar acredita que a escola é um lugar de muitos sonhos, realizações, que, além de educar, orienta os educandos e sua família, oferecendo palestras e outras atividades de integração desenvolvidas nos projetos interdisciplinares ou em turno inverso.

Figura 10: Escola E.M.F. João Goulart



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

A estrutura física da escola, atualmente, está organizada com térreo e andar superior, sendo que no térreo temos: secretaria e sala para direção e coordenação, sala dos professores com banheiro, 2 banheiros para alunos (1 feminino e 1 masculino), cozinha, refeitório, biblioteca, 1 sala de almoxarifado, sala de AE (Atendimento Especializado), que funciona de manhã e de tarde, funciona uma

turma de Pré 1 neste mesmo local, e uma sala de aula onde anteriormente funcionava o pré que foi mudado em função de um aluno especial com problemas de locomoção e não sobe as escadas. No andar superior temos 1 sala de laboratório de informática; 1 sala onde funciona o laboratório de Ciências; o 9º ano de manhã e o Pré 2 à tarde; mais 4 salas de aula e 2 banheiros para alunos (1 feminino e 1 masculino). No pátio temos uma pracinha com 3 balanças, 2 escorregadores, 3 gangorras, 1 labirinto e no chão pedrisco e uma quadra de esportes.

Figura 11: Escola E.M.F. João Goulart



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 12: Escola E.M.F. João Goulart



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 13: Escola E.M.F. João Goulart



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 14: Escola E.M.F. João Goulart



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Contamos com uma equipe de 20 profissionais de educação (16 professores em sala de aula e 4 professores na equipe diretiva, 1 diretora, 1 Coordenadora do Programa Mais Educação, 1 Coordenadora dos Anos Finais e 1 Coordenadora dos

Anos Iniciais); 6 funcionários (1 secretário, 1 auxiliar do ensino fundamental, 4 serviçais (2 da cozinha e 2 da limpeza).

O grande desafio dos profissionais que fazem parte desta escola diz respeito a uma parcela significativa dos alunos que se sentem desmotivados para o estudo, para as tarefas escolares, sendo preciso buscar alternativas, atividades diversificadas com a finalidade de resgatar nos educandos o interesse pelo estudo.

Outro desafio da escola e dos educadores diz respeito aos alunos especiais incluídos no ensino regular, pois é um questionar constante para fazer com que a comunidade escolar e até mesmo educadores e educandos aceitem estes alunos incluídos, num total de 8 e que fazem parte do ensino fundamental de 9 anos. Dentre esses, 3 alunos estão na Educação Infantil (4-6 anos).

Neste espaço instituído, percebe-se que há dedicação, competência das profissionais, responsabilidade e organização no desenvolvimento da escola, servido de exemplo para outras escolas com mais recursos humanos e financeiros.

5.1 Filosofia da Escola

O homem é um ser em busca de sua identidade, que está em constante crescimento. É sujeito que constrói e transforma a sua realidade pela sua ação e integração com o meio. Para tanto, deverá ser crítico, progressista, “instrumentalizado”. Este homem faz parte de uma sociedade. Este é o espaço social que o homem exerce seu papel de agente político e que se modifica com os avanços tecnológicos, produzindo melhorias, novas estruturas sociais e organizações culturais.

Neste contexto social insere-se a “Educação”. Está voltada para a busca de novas perspectivas, para a crença em si mesmo e na capacidade de construir a história. Deve considerar os interesses e necessidades das camadas populares, valorizando sua cultura e ser o resultado da soma dos esforços (família, escola e sociedade), preocupada com a formação de valores, princípios e conhecimentos.

Sendo a escola um meio irradiador de conhecimento, ponto de organização da comunidade escolar, espaço para agir e decidir no coletivo, cuja função principal seja o desenvolvimento de uma ação educativa que promova a autonomia intelectual através da estruturação de conhecimentos e valores que tornem os sujeitos capazes

de superar limitações e, conseqüentemente, proporcionando elementos que lhe possibilitem atuação efetiva e consciente em seu meio.

Para tanto, o professor deve ser um educador, que organiza pesquisa, estimula e desafia, um mediador de situações de aprendizagem. Sendo assim, fará com que o aluno busque novas descobertas, interaja e participe do processo educativo; que seja questionador, crítico, curioso, que aplique os seus conhecimentos na solução de problemas. Conhecimento esse que se constrói nas inter-relações entre o sujeito, o meio e os outros sujeitos, num processo dialético de comunicação interativa contínua. São, enfim, os referenciais que nós vamos construindo durante toda a vida.

Faz-se necessário encarar o conhecimento como algo que acontece no mundo na interação. É conhecer e viver os princípios da democracia (e ser democrático é ter consciência e estar atento ao que acontece, ter sensibilidade e criticidade para perceber o que necessita ser mudado). É dar oportunidade para construir o conhecimento, provocar interesses (não ser espontaneísta), considerando o erro como parte do processo de construção-ação-reflexão-ação como elo teoria e prática.

5.2 Objetivo da Escola

Proporcionar condições para que a comunidade escolar interaja, se integre com intensidade no processo ensino-aprendizagem, procurando trabalhar a realidade, extrapolá-la, resgatar valores, despertar o desejo de conhecer e buscar alternativas para a construção de uma sociedade melhor.

5.3 Estrutura Organizacional da Escola

- Direção;
- Vice-direção;
- Coordenação Pedagógica;
- Secretaria;
- Biblioteca “Caminhos do Saber”;
- Videoteca;
- Cozinha/refeitório;

- Setor de limpeza;
- Laboratório de Aprendizagem, Órgão de apoio;
- Laboratório de Informática;
- Corpo docente;
- Corpo discente;
- Conselho Escolar;
- CPM;
- Sala de Recursos Multifuncional.

6 METODOLOGIA DA ESCOLA

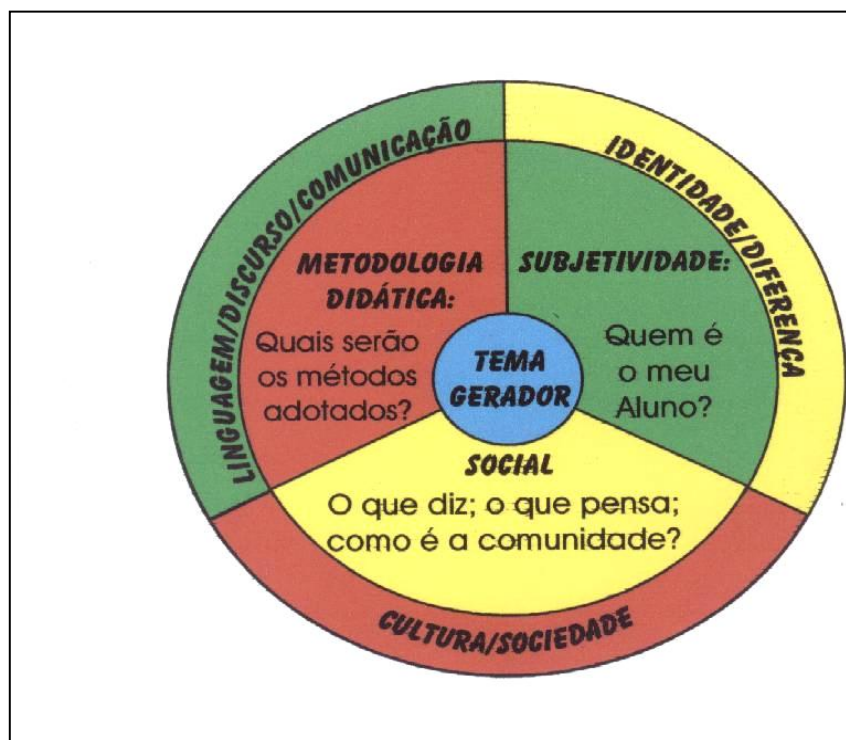
O trabalho pedagógico centra-se em eixos temáticos, que oportunizam um trabalho articulado através do TEMA GERADOR.

O Tema Gerador utiliza a dialética do conhecimento (prática-teoria-prática).

O Tema Gerador é estabelecido após um período de investigação envolvendo professores, pais, alunos e funcionários, ouvindo suas vozes, expressando seus sonhos, suas necessidades e suas expectativas em relação à escola.

Segundo Corazza (1992), os “temas geradores” possibilitam articular demandas provenientes de três campos: do político-social; da didática metodológica e da subjetividade singularidade, em interdependência com os referenciais teóricos escolhidos. As intercessões podem ser representadas assim:

Figura 15: Tema Gerador



Fonte: Plano de Estudos da Escola Municipal Fundamental João Goulart. Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental de Nove Anos e AEE. Ijuí, 2015.

Cabe a cada educador, com os seus educandos e com o grupo de trabalho, desvelar e descobrir os teores e os impasses destas intercessões.

Para trabalhar com os “temas geradores”, o professor precisa:

- a) *Ser um ‘leitor’ crítico e rigoroso da realidade e do mundo para poder ajudar o aluno a dizer, ler e escrever sua PLAVRA MUNDO;*
- b) *Ir construindo a capacidade de teoriza sobre a sua prática;*
- c) *Possuir clareza acerca de suas concepções e opções fundamentais, tais como: projeto histórico, referenciais teóricos, princípios didáticos metodológicos, do lado de ‘quem’ e do ‘quê’ coloca suas práxis, sua utopia e seu sonho;*
- d) *Estudar de forma a produzir uma sólida consistência conceitual;*
- e) *Construir e criar conhecimentos;*
- f) *Aprender, ao ensinar e indagar, ao responder;*
- g) *Construir e manter grupos de trabalho, estudo e discussão;*
- h) *‘Fazer ciência’ à moda de quem faz aventura;*
- i) *Renunciar é a menor parte do narcisismo de cada um, para que se estabeleça a pertença institucional (pela via da inserção na transferência de trabalho), articulada por um discurso. É imprescindível ‘escutar’ os alunos, suas famílias, os professores, para selecionar os ‘temas geradores’. Há várias maneiras de proceder a esta coleta: conversas, desenhos, entrevistas, semiestruturadas com alunos e pais, leituras, histórias de ficção, estudos, teatros, jogos, brinquedos, relatos... O que conta é diminuir, o máximo possível, a arbitrariedade da seleção. O professor precisa estar ‘mergulhado’ no trabalho com os ‘temas geradores’. Isto é, tais temas precisam ser também, temas significativos em sua vida. Assim ele vai ter condições de ser mais criativo e vai se deixar ‘trabalhar pelos temas’, ao invés de apenas ‘trabalhar com os temas’. ‘O que não pode acontecer é do professor ficar alheio, excluído, estrangeiro ao tema, sob pena de o processo de ensino se desqualificar, rotinizando-se’ (CORAZZA, 1992, p. 49)*

Na prática, os “Temas Geradores” construídos com a participação de toda a comunidade escolar são os mesmos:

- para as turmas de uma mesma série ou ano;
- para turmas e séries/anos de um mesmo turno;
- para turmas e séries de uma mesma modalidade de ensino (educação infantil e ensino fundamental). Tais ordenamentos favorecem o trabalho particular e coletivo dos professores, dinamizando e “enriquecendo” as atividades e estudos. A singularidade do trabalho com “tema gerador”, em cada turma, fica assegurada pela própria conceitualidade, também, pelos ‘eixos temáticos’ diferenciados.

salienta-se que os ‘temas geradores’ como ‘conteúdo’ não implica em desconhecer, subestimar ou desprezar o conhecimento criado, produzido e acumulado pela humanidade. Ao contrário! Temos bem claro que ao trabalhar numa instituição - a escola -, cuja especificidade e cuja matéria-prima é esse conhecimento. Com os ‘temas geradores’ os ‘conteúdos’ continuam, obviamente, a ser ‘ensinados’. Mas a sua seleção e tratamento subordinam-se então mais a um critério tempo, como tradicionalmente acontece com a listagem dos ‘conteúdos mínimos’ (realizada para o ano letivo e dividida por trimestre); e sim atendendo as demandas dos temas. Isto ‘abre fronteiras’ e ‘rompe barreiras’, não apenas temporais como também referentes a seriação, a faixas etárias e os componentes

curriculares, em termos de produção do conhecimento. (CORAZZA, 1992, p. 50).

Quanto às confluências entre as diversas áreas do conhecimento, tem-se verificado que a organização do ensino sob a forma de “temas geradores” possibilita inter-relacionar melhor esses conhecimentos, a partir das exigências e inter-relação colocadas pela prática e pela própria realidade. Como se fora um “pilar”, o “tema gerador” dá sustentação ao estudo dos conhecimentos (“conteúdos significativos”) dos diferentes componentes curriculares. Em outras palavras, os “discursos” de cada área do conhecimento (Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes...) “falam” sobre uma mesma temática, embora mantenham a especificidade de seu conteúdo.

Para tal, é necessário que, tanto o “discurso” de cada componente curricular quanto o professor de cada uma delas (no caso de trabalhos pluri docentes) “se deixe tocar e questionar” pelo discurso e pela especialista dos outros componentes curriculares.

É sensato escolher dentre os temas indicados pela pesquisa temática realizada, antes do início do trabalho, como primeiro “tema gerador”, um de caráter bem abrangente, que dê tempo e oportunidade de “escutar” mais e melhor aos alunos, a fim de selecionar o próximo tema.

Os “eixos temáticos” que dinamizam o tema permitem fazer passar vários “fios condutores” por meio de cada “tema gerador”.

Uma das competências mais necessárias ao professor que se ‘aventura’ a tomar os ‘temas geradores’ para organizar o seu ensino é, sem dúvida, a capacidade de teorizar. Falar, de forma honesta e transparente, sobre as aulas com seu grupo de trabalho, indicando os paradoxos, questionamentos e dúvidas, bem como as alternativas. Então cabe ao professor e ao grupo delinear quais os temas que estão contidos na prática realizada. Por isso, o trabalho didático com ‘temas geradores’ exige, além de estudo, muitas rodadas de ‘exercícios’ reflexivos e ousadas (CORAZZA, 1992, p. 54-55).

O “tema gerador” de um plano inclinado “gera a dor” de conhecer, de saber, de desalinhar, de ter, de criar, “gera a dor” de nos sabermos sujeitos humanos (falantes,...) e, por isso, irremediavelmente incompletos e inevitavelmente sem objetivo.

Os temas geradores são extraídos da prática social das classes populares, buscando uma conscientização da realidade em que se inserem.

Através da escolha do tema gerador que surge de Paulo Freire é possível fazer um recorte do contexto social geral, uma parte, não dispensando conteúdos e sim os submetendo as demandas dos teores de cada tema.

A escolha do tema gerador parte da realidade da vida dos alunos, os quais se dão conta que aprendem com sentido, significado e aplicação, Logo, o tema viabiliza uma articulação com as condições de vida concreta de cada sujeito – seu grupo – sua classe social e contexto societário geral.

O processo ensino/aprendizagem sobre o tema gerador se dá através de estudos, pesquisas, análises, reflexões, discussões e conclusões. Esse processo é definido coletivamente através de pesquisa temática, considerando, também, as especificidades de cada série, articuladas com a realidade e a prática social dos educandos.

“A seleção dos conteúdos subordina-se ao tema gerador: cessando assim a subserviência da disciplina à linguagem de conteúdo mínimos” (CORAZZA, 1992, p. 50).

O Tema Gerador em sala de aula viabiliza o trabalho em grupo e a abertura para estudos e discussão sobre natureza, comunidade, cultura, ética (valores), saúde, sexualidade, cidadania etc. sendo a arte, o jogo e o corpo parte integrante desse trabalho. O trabalho com os valores é norteado pela discussão com pais, alunos, professores e funcionários. As diferentes vozes destes são ouvidas através de reuniões, questionários, conversas informais, também para constantes avaliações das atividades realizadas no cotidiano escolar.

O planejamento em nossa escola acontece mensalmente definindo metas comuns, de educação infantil ao ensino fundamental com o acompanhamento da coordenação pedagógica e direção. Semanalmente ou quinzenalmente são organizadas metas comuns de trabalho por anos/séries, com o auxílio da coordenação pedagógica, de acordo com a especificidade de cada ano/série.

Destaca-se que é de suma importância a interdisciplinaridade, pois é nas relações das diferentes áreas de conhecimento que o aluno consegue construir os conceitos necessários para que a aprendizagem se efetive.

O tema gerador deste ano de 2016 é “A arte de ensinar, aprender e conviver em busca do conhecimento”.

7 RELATO DE EXPERIÊNCIAS DE PRÁTICA DOCENTE NA SALA DE AULA COM ALUNOS DE PRÉ-ESCOLA (4-6 ANOS)

Vou desenvolver um relato sobre a minha prática docente com a turma de Educação Infantil, pré-escola, com crianças na faixa etária de 4 a 6 anos. A turma tem 21 alunos, sendo 12 meninas e 9 meninos. A sala de aula é um espaço bem amplo específica para essa turma, com mesinhas coletivas, com um tapete grande em um dos cantos, com prateleiras com brinquedos e jogos, também tem um fantochário, armário, televisão e DVD.

Para iniciar a aula de música juntamente com as crianças organizamos as cadeirinhas em um grande círculo e algumas vezes usamos o tapete grande que está no canto da sala.

Para ouvir música é importante ter um espaço silencioso no qual as crianças possam se sentar para fazer uma escuta mais atenta. Essa é uma experiência que dificilmente as crianças têm no ambiente familiar ou em outros espaços sociais que, frequentemente, usam música ambiente. Diferentemente disso, na instituição de Educação Infantil as crianças podem ter um local com almofadas ou outros materiais que ajudem a amortecer os ruídos externos e melhorem as condições de aprender a ouvir música. (OLIVEIRA, 2013, p. 274).

Nesse espaço que ocupo com essas turmas desenvolvo atividades pedagógicas em arte. Nesse momento vou narrar minha experiência com a linguagem musical.

Conforme Gobbi (2010, p. 13),

[...] a música como linguagem que é, organiza os signos sonoros no espaço e no tempo e se constitui como um meio de orientar a reflexão do ouvinte sobre o mundo, pode-se afirmar que sua presença entre as crianças é fundamental para que as mesmas possam compreender e construir seu cotidiano e seu mundo a partir da linguagem sonora.

As crianças precisam criar o hábito de saber escutar e fazer silêncio quando solicitado por mim, aí temos conversas e combinações para desenvolver a aula daquele dia.

No meu trabalho em sala de aula não tenho a intenção de contemplar toda a teoria da música, mas colocar em prática alguns exercícios de maneira lúdica, usando o corpo, a voz e o espaço como diz Zagonel (2012) e abordando noções de ritmo (movimento), pulso, altura, intensidade, som/silêncio.

Iniciamos a aula com uma canção de aquecimento vocal onde a criança exercita a boca, bochecha, lábios, língua, pregas vocais, enfim esta região usada para falar e cantar com uma linguagem bem acessível e lúdica. Percebo que todos gostam pois a música narra exatamente o que as crianças devem fazer, por exemplo: abrir a boca, mostrar a língua, estourar pipoca, imitar o som do galope de um cavalo, o som do vento, mastigar..., todas fazem juntas tudo o que é narrado na canção de uma maneira divertida.

Nessa atividade de fazer caretas com a boca, mostrar a língua, imitar sons a criança vai se soltando, se mostrando, explorando e entregando-se na brincadeira que é um aquecimento vocal necessário para a preparação da voz e do corpo para iniciar a aula de música.

Figura 16: Educação musical



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 17: Educação musical



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 18: Educação musical



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 19: Educação musical



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Depois cantamos a canção de entrada para pontuar que estamos iniciando a aula de música, e em seguida saudamos cada criança com seu nome, onde algumas demonstram que se sentem importantes, vista com orgulho e sorrisos e outras ficam tímidas e envergonhadas, é uma atividade que gostam, pois todas participam.

Tenho um vasto repertório de músicas que vão desde “Atirei o pau no gato”, “Boi da cara preta” até “Anitta” e escutamos todos os estilos musicais, dançamos, assistimos clips, brincamos com canções de roda, representações de personagens folclóricos, fadas, bruxas, monstros, colocando em prática todo o universo imaginário das crianças e aos poucos as que eram bem tímidas vão se soltando e participando das atividades.

O ‘Boi da cara preta’, assim como o personagem de ‘Atirei o pau no gato’, são, antes de seres ameaçadores ou ameaçados, parte importante do universo infantil e do folclore brasileiro. Antes do terror e da violência, trazem, portanto, o contexto cultural de que fazem parte. Mais importante do que a preocupação com o conteúdo das canções, portanto, é o estímulo ao contato com a música que pais e professores podem proporcionar aos bebês e crianças pequenas através do canto. Nesse contexto em que, assim como no sono e no inconsciente, contradições e ambivalência são esperadas e mesmo necessárias, cucas, monstros, deuses, bruxas e fadas, seres protetores e seres aterrorizadores, podem estar de mãos dadas, permitindo à criança lidar com suas ansiedades, transformadas em medo através da canalização para um personagem e, ao mesmo tempo, tomar contato com o rico imaginário de que fazem parte e que, geração após

geração, compõe histórias e canções presentes na cultura brasileira (BEYER; KEBACH, 2009, p.26).

Até o século XIX, apenas as notas emitidas pelos instrumentos musicais ou pela voz eram consideradas um material sonoro apropriado para a criação de músicas. Porém, durante o século XX, os ruídos passaram a ser vistos como um grande potencial sonoro, possíveis de serem transformados em música. Atualmente, “todos os sons fazem parte de um campo contínuo de possibilidade, que pertence ao domínio compreensivo da música. Eis a nova orquestra: o universo sonoro!”. Zagonel (apud SCHAFER, 2001).

Como estamos sentados cada um em sua cadeirinha em um grande círculo, distribuo para cada criança dois pedaços de madeira que tem 10 cm de comprimento tipo cabo de vassoura que chamamos de CLAVA, é um objeto transformado em um instrumento de percussão, onde é batido um no outro. Faço uma sequência de batidas inicialmente bem simples, e elas tem que repetir, e mesmo sendo simples algumas tem bastante dificuldade, tipo duas batidas apenas, vamos tentando até que todos entram no ritmo. Aos poucos vou criando um pouquinho mais de dificuldade nas batidas, repito várias vezes e peço para elas escutar com toda atenção para gravar na memória.

Figura 20: Educação musical



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Nessas atividades de jogo e brincadeira as crianças adquirem a percepção do pulso, o tempo para acompanhar as melodias tocadas e cantadas.

Sabe-se que a criança é um ser brincante e que a música é criada ao brincar, os sons, são transformados e recriam ambientes (GOBBI, 2010).

Brincando com as clavvas, iniciamos a atividade de telefone sem fio, onde eu ou um aluno cria uma sequência de batidas e o colega ao lado repete a mesma sequência assim sucessivamente até chegar ao último, e naturalmente a sequência do primeiro poderá se alterar durante o andamento da atividade e no final poderemos ter uma sequência completamente diferente da primeira dada pelo aluno que iniciou. Nesta atividade a criança precisa estar bem atenta a mim ou ao colega, muitas vezes o colega bateu errado, mas ela tinha escutado a minha sequência e repete certo, é um jogo muito interessante de memorização.

Uma variação da atividade com as CLAVAS poderá ser de esconder uma das Clavas, primeiro peço que um aluno saia da sala por alguns momentos até alguém esconder em algum lugar da sala de aula, após pedimos para o aluno entrar e quando este se aproxima do local do esconderijo todos batem com seus pares de Clavas, quando chega perto o som é mais forte, quando se distancia do local o som fica fraco e quando se aproxima novamente todos batem forte, quanto mais perto mais forte o som, daí o aluno que procura tem uma pista para onde deve se mover para encontrar o objeto escondido. Esta atividade é bem apreciada pelas crianças que se divertem, riem, gritam enfim se envolvem muito, e aos poucos cada um participa sendo quem esconde ou quem procura até todos da turma ir na função de esconder e procurar.

Continuando o trabalho de percussão com os objetos sonoros, faço a distribuição e revezamento destes, para todos experimentarem cada um. Com um fundo musical (áudio de piano ou músicas com batidas fortes), oriento uma alternância de batidas com objetos, com pés ou mãos para exercitar a percepção do pulso.

Chamamos de fonte sonora todo e qualquer material produtor ou propagador de sons: produzidos pelo corpo humano, pela voz, por objetos do cotidiano, por instrumentos musicais acústicos, elétricos etc., e, [...], pode-se fazer música com todo e qualquer material sonoro. (BRITO, 2003, p. 59).

Usamos muitos objetos sonoros, com todas as crianças sentadas em um círculo, cada um com um objeto sonoro (chocalho construído com pote de remédio ou iogurte com arroz dentro, Clavas feitas de cabo de vassoura, 2 colheres viradas de costas, pedacinho de madeira com tampinhas de garrafas amassadas e pregadas para imitar pandeiro, são objetos do cotidiano que se transformam em instrumentos sonoros) e alguns instrumentos de percussão como pandeiro meia lua, caixeta, tamborim, marácas. Coloco um som de acompanhamento e os alunos percute assim percebendo o pulso, durante as atividades eles vão se trocando de objeto sonoro ou instrumento. O som de acompanhamento é “Tocando orquestra” (canção com piano sem letra), “Mestre André” (canção narrada falando de instrumentos como o violão, xilofone, tambor e a flauta).

Figura 21: Objetos sonoros



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 22: Objetos sonoros



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 23: Objetos sonoros



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

A escola dispõe de instrumentos da bandinha rítmica infantil composto por tambores, clavas, pandeiro, agogô, reco-reco, côco, sino, ganzá, triângulo, chocalhos, pratos, platinela, castanhola, flauta, Campanella. Uso alguns

instrumentos meus como o pandeiro meia-lua, tamborim, caixeta e marácas e usamos os objetos sonoros.

Figura 24: Instrumentos da bandinha rítmica



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 25: Instrumentos musicais e objetos sonoros



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 26: Instrumentos musicais e objetos sonoros



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 27: Instrumentos musicais



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 28: Instrumentos musicais e objetos sonoros



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

As crianças quando estão com os instrumentos nas mãos ficam encantadas, envolvidas, completamente concentradas na atividade musical. Elas têm muita curiosidade em escutar o som de cada instrumento e querem pegar cada um e tocar. Inicialmente deixo-as livre para experimentar os variados instrumentos depois, separo alguns e organizo a atividade com a grande maioria de clavas, chocalhos e colheres revezando o uso. Gostam muito das aulas de educação musical pois quando me encontram fora das aulas me perguntam quando iremos ter novamente aula de música.

Figura 29: Instrumentos musicais e objetos sonoros



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 30: Instrumentos musicais



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 31: Instrumentos musicais



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 32: Instrumentos musicais



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 33: Instrumentos musicais



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 34: Instrumentos musicais



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Nas pesquisas sonoras, segundo Gobbi (2010, p. 13),

As crianças pequenas realizam pesquisas sonoras, são verdadeiros cientistas dos sons, porque em busca de sua identidade e de identificar o ambiente onde vive, utilizam os sons com suas propriedades: altura, duração, intensidade e timbre, nas experimentações dos sons, por intermédio de suas brincadeiras, cantarola, assobia, balbucia, risos, batendo com os objetos, arrastando, gritando, emitindo os mais diferenciados sons em seus processos investigativos.

Outra atividade bem interessante e apreciada é a exploração sonora com a descoberta de sons, executando as faixas de áudio com sons de animais, sons do corpo humano, sons produzidos na escola, em casa, nas ruas, na natureza, aos poucos as crianças ficam habilidosas e com uma percepção auditiva mais aguçada. Quando alguém acerta o som executado é uma alegria só. Esta atividade auxilia o aluno a se tornar mais observador auditivamente, percebendo os sons que fazem parte de sua vida cotidiana que muitas vezes não havia percebido.

[...] um exercício para desenvolver a percepção da paisagem sonora e propõe uma audição atenta dos sons existentes em nossa volta para, com eles, fazer música. Assim, os sons da cozinha de casa ou jardim, por exemplo, poderão ser usados na criação musical. (ZAGONEL, 2012, p.117).

Fizemos também uma pesquisa de sons, saímos com meu celular gravando sons que escutávamos pelos corredores, salas, refeitório, pátio, rua, depois ouvimos e tentavam adivinhar de que local e do que era o som executado pelo gravador do celular. Foi uma atividade bem significativa, pois muitos tiveram dificuldade em reconhecer até sua própria voz. Incentivar as crianças a movimentar o corpo todo, dos pés à cabeça, não somente os braços ou cintura. Quanto mais desinibida e solta a criança estiver, mais espontaneidade e amplitude conseguirá em seu movimento (ZAGONEL, 2012).

Gosto muito de trabalhar duas canções (Andando e Jeito Diferente), as crianças se divertem muito com estas e percebem seu corpo e as diferentes maneiras de caminhar, o lento, o rápido, as mãos, os pés, frente, trás, lado e outras coisas que podemos inserir nas canções para as diferentes percepções que desejamos concretizar. Muitas crianças têm dificuldades em se movimentar usando a lateralidade, mas estão experimentando muitas vezes esse tipo de atividade pela primeira vez.

Para as crianças perceber e exercitar a altura do som (grave/agudo), movimento corporal e desenvolver a atenção, o controle e a independência da emissão vocal (ZAGONEL, 2012), trabalhei com elas uma atividade muito conhecida o “Vivo/Morto” adaptada para o uso do som grave/agudo. Quando o som escutado era agudo (fino) elas ficavam de pé e quando o som era grave (grosso) elas se abaixavam, elas conseguiam distinguir o som grave do agudo com uma atividade simples e divertida.

Figura 35: Educação musical



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Figura 36: Educação musical



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

No curso de Educação Musical que fiz com a Escola Impare de Santa Maria, tivemos acesso a um vasto material musical, teorias, imagens, áudios, vídeos e sugestões de atividades. Em nossas aulas o professor Glauber Benetti Carvalho nos falou de Raymond Murray Schafer (1933), compositor, pedagogo musical, escritor, educador e investigador do ambiente sonoro, além de artista plástico e cenógrafo, subverte não apenas o universo da música, mas o universo sonoro em geral. E no seu livro “Ouvido Pensante”(1991), o compositor desenvolve a noção de “paisagem sonora”, onde mostra a importância do ambiente sônico, onde vamos observar o ruído estridente das grandes cidades e os sons agradáveis da terra, fogo, água e ar. Em 1974 ele abandonou seu emprego na universidade e mudou-se para uma fazenda onde sentiu e vivenciou como é importante para a natureza humana ouvir os sons agradáveis (os em equilíbrio com a capacidade de audição, percepção e assimilação).

Com a proposta de Schafer, abre-se novo campo de possibilidades dentro ou fora da instituição de ensino, na qual brincar com sons, montar e desmontar sonoridades, descobrir, criar, organizar, juntar, separar, são fontes de prazer e apontam para uma nova maneira de compreender a vida através de critérios sonoros (MACHADO, 2011).

Gobbi (2010, p.13) faz alguns questionamentos a respeito:

Quais as paisagens sonoras, ou seja, sons, barulhos de panelas, de brincadeiras, de pássaros, falas entre pessoas presentes na creche e pré-escola? As crianças têm possibilidade de ouvi-los, percebê-los, relacionarem-se com esses sons, barulhos, músicas, estranhando e reconhecendo-os? Há momentos em que são privilegiadas as descobertas e construções sonoras? As crianças cantam? Inventam canções? Os objetos são transformados em instrumentos musicais? O que é feito para enriquecimento dessas práticas entre as crianças? Jogos, sonorizações de histórias, escuta sonora, brincadeiras cantadas, percepção dos sons, barulhos, ruídos que compõem a creche ou pré-escola, são essenciais e podem constituir o tempo das crianças junto a outras linguagens e não como aula de música, o que tantas vezes é visto entre os pequenos.

Nosso dia-a-dia é recheado de paisagens sonoras, na maioria das vezes não nos damos conta disto, nossa vida corrida muitas vezes não nos permite parar, relaxar e ficar escutando os sons do ambiente em que estamos e até as crianças em sala de aula tem a dificuldade em aquietar-se e relaxar, parar e escutar os sons do ambiente. Esse exercício é muito importante para conhecer e perceber a paisagem sonora, coisas como a sirene da escola que tem um condicionamento de que quando toca é hora de entrar para a sala, ou sair para o recreio como também hora de ir embora, diversos sons estão gravados em suas mentes e ficam automaticamente na ação e reação, escuta e responde com a reação.

O exercício de reconhecer os sons faz com que a criança perceba coisas que ela ouvia e não se dava conta que muitas vezes um barulho de talheres ou pratos e panelas não se dirigiam ao fato de fazer uma refeição e que na sala de aula estes barulhos se tornem sons para produzir uma canção.

E sim é possível transformar objetos do cotidiano em objetos sonoros, que muitas vezes elas mesmas transformam e descobrem esses sons percutindo os objetos um no outro, na mesa, na cadeira, no chão e até mesmo assoprando numa tampinha de canetão por acaso.

Figura 37: Objetos sonoros



Fonte: Autora da pesquisa, 2016.

Às vezes nós professores mostramos a elas, o caminho da escuta e permitimos a elas a descoberto dos sons. Nos áudios que tenho e trabalho com as crianças os sons mais apreciados por elas são os de animais, elas reconhecem e saem imitando com som e gestos.

Um exemplo muito significativo de paisagem sonora que trabalho com as crianças é um áudio do filme “O Som do coração”, neste áudio aparece os sons de uma cidade grande com sinos, portas se abrindo e fechando, buzinas de carros e caminhões, vozes, rádios, músicas, apitos, latido de cão, sirenes, máquinas trabalhando, bater e arrastar coisas, instrumentos musicais, pássaros batendo asas, água escorrendo e o tempo todo como pulso o rodado do trem passando nos trilhos. Este áudio escutamos muitas vezes na mesma aula, pois a cada vez escutado as crianças tem a percepção de algo novo a ser dito que foi descoberto.

Para mim, trabalhar com música na Educação Infantil é uma experiência muito significativa e gratificante, pois percebo o envolvimento e prazer que as crianças demonstram durante as atividades. A cada aula me sinto mais segura pois cada vez eles tem mais interesse nas atividades e se envolvem mais, tanto que uma mãe de uma aluna me falou que a filha quer aprender a tocar um instrumento musical. Percebo visivelmente o crescimento dos alunos, pois esses dias peguei minha flauta e comecei a tocar e a maioria dos alunos, espontaneamente,

começaram a me acompanhar com o pulso bem certinho, cada uma com um instrumento ou objeto sonoro.

CONCLUSÃO

Com a realização deste trabalho pude refletir sobre minha prática docente em sala de aula bem como sobre minha formação pedagógica na Graduação do Curso em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas. Pude analisá-la a partir dos estudos e referenciais teóricos uma vez que minha formação que foi de 27 anos atrás era mesclada de diferentes concepções e eu não tinha essa clareza.

Percebo que meu trabalho de pesquisa contribuiu para essa compreensão das concepções de arte pois o fato de que minha turma de graduação ter sido a primeira turma do curso de Educação Artística no ano de 1989, certamente essa deve ter sido uma lacuna que ficou pois era uma turma de experimentação pois não tinha nem o registro do MEC, tanto que o ano oficial de formatura no meu diploma consta dezembro de 1990 quando foi definitivamente regulamentado.

Após refletir sobre minha formação e agora estudar com uma grande diversidade de escritas sobre teorias, práticas e experimentações acerca da Arte coisa que não tínhamos a disposição com tanta quantidade e qualidade como é atualmente, fico maravilhada com tanta informação para contribuir e qualificar minha prática docente.

Me sentia como se estivesse tatendo no escuro e agora me sinto mais segura em planejar, estou mais qualificada para desenvolver minhas atividades, pois este curso de especialização me levou a mudar minha prática pedagógica, hoje enxergo com mais clareza onde quero chegar, o que pretendo realizar com meus alunos, possibilidades diferentes, propostas diferentes que despertem mais interesse da parte dos alunos, inclusive a escutá-los mais.

Quando fiz minha graduação eu não estava em sala de aula então ficava tudo na teoria, e na especialização foi completamente diferente porque tudo o que estudávamos imediatamente refletia na minha prática do cotidiano.

Nossas aulas presenciais aos sábados que é um dia de folga para descansar da rotina corrida da semana de trabalho para mim eram esperadas com entusiasmo, pois eu aprendia coisas que eu utilizava no meu cotidiano de sala de aula, desde argumentar práticas e ações que às vezes eu realizava com certo temor de não estar fazendo corretamente ou não ter a certeza que eram ações pedagógicas como o brincar.

O meu relato de experiência é sobre a linguagem musical, pois paralelamente ao curso de especialização o município nos proporcionou uma formação em Educação Musical ao qual eu estava mais focada no ano de 2014, 2015 e neste ano de 2016. Então colocava em prática tudo o que estudava na teoria, percebendo o conceito da práxis.

Hoje revendo minhas práticas cotidianas nas aulas de música, percebo como é importante, benéfica e versátil esta linguagem e que não precisamos de instrumentos caros para trabalhar com música, pois ela é produzida e criada com qualquer objeto ou o corpo. Tem uma aceitação unânime na sala de aula, é empregada em inúmeras atividades, brincadeiras e jogos usando a voz, o corpo e objetos de maneira lúdica e prazerosa.

Brincando produzimos e criamos música, ouvindo os sons percebemos o mundo ao nosso redor.

REFERÊNCIAS

BENELLI, Anderson. **Reflexões sobre a abordagem triangular**. 2011. Disponível em:

<<http://andersonbenelli.blogspot.com.br/2011/02/reflexoes-sobre-abordagem-triangular.html>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 20 jun. 2016.

_____. **Lei nº 11.738**, de 16 de julho de 2008. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm>. Acesso em: 02 jul. 2016.

BARBOSA, Ana Mãe. **Arte-educação: conflitos/acertos**. 3. ed. São Paulo: Max Limonad, 1988.

_____. **A Imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

BEYER, Esther; KEBACH, Patrícia. **Pedagogia da música: experiência de apreciação musical**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

BRITAIN, W. L. Lowenfeld. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo, 1970.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CORAZZA, Sandra Maria. **Tema Gerador: concepção e prática**. Ijuí: UNIJUÍ, 1992.

CRESWELL, John. Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens. In: PRESTES, Liliane Madruga. **Rota do caminho: cinco abordagens qualitativas de investigação**. 2014. Porto Alegre: Ed. Penso, 2014. p. 97-109. Apostila.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da et al (Orgs.) **As artes no universo infantil. Mediação**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Resende. **Arte na educação escolar**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na Educação Infantil: observação, adequação e inclusão**. São Paulo: Moderna, 2012.

GOBBI, Márcia. **Múltiplas linguagens de meninos e meninas e a educação infantil.** In: **Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento**, Belo Horizonte, Nov. 2010.

IJUI. **Lei nº 4.110**, de 11 de junho de 2003. Institui o Plano de Carreira do Magistério do Município de Ijuí. Revoga as leis que menciona e dá outras providências.

MACHADO, Carmem. 2011. Disponível em: <carmemmachado.blogspot.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2016.

MAZAMATI, Suca M. **Ensino de desenho nos anos iniciais do Ensino Fundamental:** reflexões e propostas metodológicas. São Paulo: Edições M, 2012.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de et al. **O trabalho do professor na educação infantil.** Brasília: Ministério Educação, 2013.

PLANO de Estudos da Escola Municipal Fundamental João Goulart. Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental de Nove Anos e AEE. Ijuí, 2015.

SCHAFER, R. Murray. **Educação sonora:** 100 exercícios de escuta e criação de sons. Tradução de Marisa Fonterrada. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

ZAGONEL, Bernadete. **Brincando com música na sala de aula: jogos de criação musical usando a voz, o corpo e o movimento.** São Paulo: Saraiva, 2012

Sites:

[https://www.google.com.br/search?q=:+Tarde+de+Domingo+na+II%C3%AA+de+La+Grande+Jatte+\(1884-1886\)+de+George+Seurat&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjc-bja4o_PAhVHH5AKHdgPCaYQ_AUICCgB&biw=1440&bih=799](https://www.google.com.br/search?q=:+Tarde+de+Domingo+na+II%C3%AA+de+La+Grande+Jatte+(1884-1886)+de+George+Seurat&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjc-bja4o_PAhVHH5AKHdgPCaYQ_AUICCgB&biw=1440&bih=799)

[https://www.google.com.br/search?q=:+Tarde+de+Domingo+na+II%C3%AA+de+La+Grande+Jatte+\(1884-1886\)+de+George+Seurat&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjc-bja4o_PAhVHH5AKHdgPCaYQ_AUICCgB&biw=1440&bih=799](https://www.google.com.br/search?q=:+Tarde+de+Domingo+na+II%C3%AA+de+La+Grande+Jatte+(1884-1886)+de+George+Seurat&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjc-bja4o_PAhVHH5AKHdgPCaYQ_AUICCgB&biw=1440&bih=799)

APÊNDICE
PERGUNTAS DA PESQUISA

- 1) Como a escola onde trabalho organiza o horário (ou espaço) de “Hora-Planejamento”?
- 2) Como eu utilizo esse espaço de hora-planejamento? Que atividades desenvolvo nesse espaço? Que tempo uso?
- 3) Quais as vantagens e limitações desse espaço de Hora-Planejamento? Que contribuições esse espaço traz ao meu trabalho? E ao aluno?

ENTREVISTA

O trabalho que desenvolvo no espaço de hora-planejamento reflete resultados na aprendizagem das crianças. Quais as percepções que você visualiza?